



RIO GRANDE, SÁBADO-DOMINGO, 29-30 DE ABRIL DE 1996

## As falas sobre a escola e as falas na escola

Suzana Inês Molon

A escola é constituída por seres humanos com diferentes experiências, motivações, conhecimentos, interesses, religiões, valores, classes sociais, etnias, sexos, profissões, papéis sociais, culturas, ideais, desejos e condições de vida.

Na escola estão presentes diferentes pessoas com características diferentes e que constantemente estão se relacionando. A convivência no espaço exige o reconhecimento da diferença do outro. A riqueza e a fertilidade da escola estão na diversidade e na diferença existente no seu interior, que reflete e legitima a diferença existente na sociedade.

Tanto na sociedade quanto na escola as relações sociais acontecem através da comunicação, pelo uso de diversos instrumentos de linguagem. A linguagem é o que possibilita a comunicação social, o também, o que caracteriza o ser humano, diferenciando-o dos demais animais.

A escola é um espaço privilegiado para estabelecer relações sociais significativas e importantes para o ser humano, uma vez que ela contribui para a formação do sujeito social - político e histórico, ou seja, contribui para a construção de cidadãos.

Porém, a condição da escola está configurada por vários paradigmas: a produção e o vício, o trabalho e o acomodado, a desesperança e o sonho, o reconhecimento e a negação e tantos outros.

Entretanto, o que mais nos chama a atenção neste momento é que existe uma linguagem produzida sobre a escola e uma linguagem produzida no cotidiano da escola.

Pensar a escola torna necessário considerar tanto a dimensão histórica, sócio-econômica e política quanto a dimensão cotidiana em que está inserida, relevando pontos e contrapontos que ocorrem na prática do dia-a-dia no interior da escola. É pensar o herdado, enquanto uma estrutura galvã perpetuada ao longo dos anos, e o cotidiano, enfrentando os desafios da prática. O entrelaçamento dessas duas linguagens é que permite olhar a escola como continente e não como recipiente.

Para intervir na escola requer muito mais que propostas de metodologias didáticas e discussões bem elaboradas. Exige condições mínimas para que professores e alunos possam estabelecer uma relação social através da qual possa haver desenvolvimento e aprendizagem.

Uma educação que pretenda contribuir para a construção de uma sociedade democrática, que tenha como eixo norteador a educação pública na perspectiva da justiça social e do reconhecimento dos cidadãos, não pode fechar os olhos para as situações que expressam desigualdade, exclusão e sofrimento que marcam a pobreza dentro e fora da escola e impedem o direito do cidadão a uma vida digna.

Quando cidadãos, todos os seres humanos, incluídos e excluídos, da escola, têm direito de acesso ao conhecimento e, principalmente, de serem autores de suas falas. Falas e vozes que compõem um discurso nascido de suas práticas cotidianas. Práticas tecidas de contradições e resistências e de desejos e recusas, marcando um movimento de avanços e retrocessos, de desespero e sonhos, procurando construir o seu fazer, sentir e pensar.

Trilhando os caminhos e documínios da escola, na busca do entrelaçamento de temas como a pré-escola, escola, alfabetização, prática pedagógica e formação de professores, a questão da linguagem emerge com bastante força, exigindo o reconhecimento das diferentes linguagens sobre a escola e na escola.

Suzana Inês Molon - Mestranda em Paleologia Social - Assessora do Projeto Agora

Jornal Agora, também se inaugura oficialmente o Caic-Furg, local onde se desenvolve desde o dia 7 de março, o projeto Agora. Em função disto, usaremos este nosso espaço para ressaltar a importância desse projeto no universo cultural e educacional na nossa cidade. O projeto Agora, que significa em grego clássico, lugar de encontro de homens livres, constituiu-se a partir da escolha de uma equipe que não se limitou a um ato burocrático, onde as pessoas são destacadas para uma tarefa específica, com previsão de horários de suas atividades normais reduzidas ou com alguma função gratificada. A equipe foi se constituindo à medida que fomos desvelando o sentido deste trabalho, as carências do povo, a mediocridade do nosso sistema educacional e o nosso compromisso de intelectuais.

Parece importante recuperar que, mesmo com experiências diferentes, cada pessoa que integrava a equipe buscava de certa forma, olhar de perto a vida do povo, e sentindo-se desafiada, colocava à disposição a sua vida, expressa no seu trabalho que pretendia ser o mais qualificado possível. E como não poderia deixar de ser, do confronto das nossas experiências resultaram as definhões das partes que compõem, hoje o Projeto Pedagógico do Agora. Para alguns de nós esta proximidade com o povo oprimido, não é nada nova, pelo contrário, se constitui numa longa experiência.

O projeto é formado dos seguintes setores: atenção à comunidade, atendimento jurídico, educação para a saúde, cultura, desporto, educação infantil e fundamental. setores estes já implementados, e educação para o trabalho em fase de implantação. Para a Universidade este projeto se constitui em um marco referencial já que possibilita, principalmente às licenciaturas, pensarem a



Antes de mais nada, gostaríamos de agradecer este espaço, quinzenal, de discussão sobre Educação e Cultura que nos foi oferecido pelo Jornal Agora. Pretendemos ocupar esta coluna dentro do espírito acadêmico, apresentando questões, discutindo alternativas e possibilidades que viabilizem uma educação capaz de formar com competência o cidadão no exercício de seus direitos e na sua prática profissional.

A questão cultural, juntamente com a Educação, merecerá, em nossa coluna, uma atenção especial, já que sabemos que a construção de uma sociedade democrática passa pela criação de espaços culturais qualificados, capazes de permitir ao homem compreender a si e ao mundo que o rodeia de forma crítica, pois é no âmbito das práticas culturais que se manifesta uma cisão de subordinação entre os homens.

Pretendemos propiciar ao leitor uma gama variada de posições sobre estes temas. Acreditamos que é através de um saber dialécticamente construído que se instaura a mediação com a realidade.

Os temas para os próximos artigos já se encontram programados: a questão cultural, a crise da Universidade brasileira, a matemática nas 5<sup>as</sup> séries.

No mesmo tempo que inauguramos esta coluna, no

su prática através de um movimento de ação-reflexão, buscando construir uma relação crítica do trabalho pedagógico e comunitário. Para isto os professores que atuam no Caic frequentam desde janeiro cursos de capacitação, buscando construir um patamar de competência docente tão necessária ao diálogo crítico com a universidade. Para a cidade este trabalho mostra a importância de um projeto pedagógico em cada escola, o que possibilitaria auferir a qualidade da mesma, já que hoje "as repetências", "as evasões", e outros problemas educacionais se tornaram órfãos, pois nenhuma instância assume este ônus. Daí a importância de um diálogo aberto entre o projeto e as redes municipal e estadual de ensino, uma vez que qualquer sucesso nesta área é fruto do esforço coletivo daqueles que vivem a maior parte de seus dias no trabalho educacional e comunitário. Os professores que atuam no projeto saem do quadro da rede municipal e se dedicam 40h/s, inclusive aos sábados. Hoje o Centro Agora encontra-se com suas atividades reduzidas em função da greve dos professores. Já que o nosso trabalho propõe-se a desenvolver com competência crítica o exercício da docência e a formação da cidadania, seria injusto não referir a questão salarial, que aflige de forma tão drástica o magistério municipal. Neste sentido, esperamos que alguma solução seja encaminhada, pois é o futuro da cidade que sofrerá as consequências da ausência de diálogo.

Jussemar Weiss Gonçalves  
Dorilda Grolli  
Coordenadores Projeto Agora

21/03/84



## Do controle da qualidade de ensino à capacitação e a profissionalização do magistério

Fala-se muito na qualidade de ensino de 1ª e 2ª graus, mas fala-se sem observar determinadas diferenças concretas que interferem na busca da qualidade e da profissionalização do professor.

Não temos que o professor vem sendo principalmente nos últimos 20 anos proletariado. Esta proletarianização se realiza, em cima da qual o professor que não abandonou a sala de aula e que se vê continuamente espremiado do seu saber já que, ganhando um salário reduzido não tem acesso aos bens culturais, portanto, ficando fora do mundo do pensamento, tornando-se um alienado. De alienado, torna-se alienador através das atitudes que mantém com seus alunos e a comunidade que cerca a escola. Assim, quando fala-se em qualidade é preciso perceber que isso na escola pública está ligado a uma profunda mudança das estruturas que organizam a vida concreta do professor na sala de aula.

Formados em cursos de 2ª grau ou na Magistério, que serve mais para uma profissionalização precoce das classes populares, do que capacitar para o exercício profissional do Magistério, estes jovens, na maioria mulheres, entram em licenciaturas porque estas possibilitam um acesso fácil. Nessa forma, temos uma formação universitária que não permite para muitos que, vindos de escolas públicas, têm poucas condições intelectuais. Um trágico círculo que leva, ano após ano, para as escolas públicas contingente de diplomados, sem condições efetivas de profissão.

Submerso em um universo de cobranças burocráticas, onde preencher papéis conforme mandam os órgãos centrais, receber prescrições de supervisores que agem como elemento de controle do professor repente, perdido por uma realidade aparentemente sem solução, se vê adotado pelo livro didático e não pelo livro, e depois somido (ultimamente o livro perdeu sua dirigibilidade) ficou sem saber o que fazer.

É preciso salientar que o professor talvez seja, no universo capitalista de trabalho um dos únicos profissionais que pode exercer sua atividade de uma forma integral e subjetiva, já que em sala de aula o espaço da criatividade pode ser conquistado. Isso faz do magistério um trabalho radicalmente diferente do tático, onde a alienação e a parcelização do trabalho resulta na profunda insatisfação. Por isso é importante ressaltar o caráter nocivo das burocracias como supervisores e coordenadoras, principalmente a partir da Lei 5692-71, que coloca o professor numa situação de executante de suas prescrições. O professor repente, a partir de então, perdeu o controle de sua formação e do processo pedagógico.

O professor é aquele que produz, que domina o produto do processo científico, que constrói o universo de sua sala de aula como um projeto de pesquisa, com sua turma. Professor é aquele que articula as perguntas dos alunos como o processo de pesquisa que desenvolvem levando-os a construir suas referências intelectuais. O professor é feito do conhecimento pedagógico-cultural, não há mágica e sim estudo e dedicação.

Promido por 36 horas em sala de aula em uma jornada semanal de 40 horas e realizando trabalhos domésticos, já que a maioria são mulheres, não há nada o que fazer ou esperar ou mesmo estar a não ser a manutenção do fracasso escolar, da evasão e do poder da burocracia escolar que vale mais apresentar dados aceitáveis do que pensar soluções es-

truturais.

O que fazer? Aqui voltamos ao título. Esse entusiasmo que hoje se observa nos governos federal, estadual e municipal, na mídia nacional para que realmente possa ter uma ação efetiva se faz necessário romper a teatralização dos seminários realizados pelas entidades oficiais que não chegam a mudar a face do ensino nos municípios, onde o corporativismo e o favorecimento pessoal dominam as relações no universo educacional.

Para que se rompa a teatralização feita pelo marketing, pelas grandes empresas que hoje querem patrocinari a educação, se faz necessário observar que esse interesse, o patrocinio, vem acoplado a uma visão de eficiência da burocracia privada e a consequente eficiência a ação pública, como se a ineficiência desta ação pública fosse por ser pública. Sabemos muito bem que é mais do que isso, que é um problema estruturado na visão que as elites políticas e dirigentes têm da restante da população, como seres subalternos que não precisam de bens culturais. A educação no Brasil ainda é uma dívida e não um direito civil.

Assim, falar em capacitação e profissionalização é atacar os elementos que compõem a crise do magistério. Em primeiro momento precisamos ver o professor como um trabalhador intelectual que produz saberes e que deve receber uma remuneração compatível. Um profissional que ganha por 20 horas mensais que o salário mínimo como é o caso do município de Rio Grande, se encontra incapacitado objetivamente de exercer sua profissão, já que não tem acesso com esta remuneração, nos conhecimentos necessários a sua atividade.

Outro ponto importante é dizer que esse profissional não é apenas detentor de uma profissão, mas de uma melhor remuneração, mas da transformação desse professor executor em pesquisador que elabora, cria.

No entanto, esse vício do professor pesquisador passa pela redução da carga horária em sala de aula. Isso possibilita tempo livre e remunerado através do qual terá acesso à produção cultural que lhe permite compreender o mundo e produzir sua obra. Ao lado da redução do tempo em sala de aula, outro variável importante é a formação continuada realizada no trabalho sem intermediação de terceiros, como comumente se realiza, possibilita ao professor desenvolver sua autonomia e criatividade intelectual através do conhecimento de teorias e práticas referentes especificamente ao cotidiano da sala de aula, como também de saberes necessários a uma visão qualificada do mundo. Transforma a escola em centro do processo pedagógico unindo pais, professor e comunidade no trabalho educativo, desenvolvendo intercâmbios produtivos entre a escola e universidade através de projetos que tenham sua implementação e eficácia controlados, propiciando ao magistério em sua totalidade o acesso ao 3º grau com qualidade. Estamos passando de teatro para a ação efetiva, estamos caminhando em direção a equidade e a profissionalização dos professores.

No Projeto Agora essas variáveis acima levantadas se realizam: a capacitação continuada, o tempo para o estudo, a redução da carga horária em sala de aula e a valorização do professor como intelectual é uma realidade que está rotunda nesta.

Jussomar Weis Gonçalves  
Coordenadora do Projeto Agora





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

CAIC: Projeto Agora

DATA:

JORNAL: *Agora*

**agora**

## Oficina de leitura

Agora, para os gregos, significava um espaço onde se exercia a competência democrática com base na tolerância, um lugar de aprender, lugar do saber, enfim, um espaço de construção simbólica e mental da cidadania. O projeto Agora visa a construir a cidadania, desenvolvendo uma proposta político-pedagógica desencadeadora de experiências participativas e democráticas em que os agentes envolvidos sejam agentes nas decisões que lhes cabem tomar.

Junto às idéias acima está a da criação de uma Oficina de Leitura, no CAIC, pois este pretende preparar o cidadão, oferecendo-lhe melhores condições para que possa lutar por seus direitos e dessa forma construir sua cidadania efetiva. Nessa oficina pode-se realizar um trabalho diferente com relação à prática da leitura, porque ler é exercer a cidadania. Deste modo, através do ato de ler, o homem tem acesso aos diferentes bens culturais. Ao exercitá-lo, deixa de ser um sujeito passivo, alienado, passando a ser um sujeito ativo, construtor do seu próprio saber e participativo no processo histórico.

É importante explicar que a Oficina de Leitura é um espaço especial, organizado para se realizarem atividades de leitura com os mais variados tipos de textos: literários, históricos em quadrinhos, cartuns, charges, filmes, etc., e que funciona como um laboratório, ou seja, um ambiente

onde o leitor, com a intervenção do "animador" (professor ou bibliotecário) é solicitado a fazer algo. É nesse ambiente de descontração, sem a formalidade da sala de aula, que devem ocorrer experiências de leitura, atingindo assim objetivos diversos.

Convém também esclarecer que o termo "animador" refere-se não ao professor autoritário, dono do saber, portador da verdade na interpretação da obra lida, mas a pessoa que tem consciência de sua tarefa no desenvolvimento da leitura crítica. É ela que vai criar situações que obriguem o mesmo a expor o seu ponto de vista, a fazer comparações e a posicionar-se criticamente, partindo da vivência pessoal e de experiências referentes ao ato de ler.

É importante registrar que as atividades de animação de leitura já estão sendo realizadas extraclassa com um grupo de alunos voluntários da 5ª série do CAIC. Também está em andamento o projeto "Formação do animador da Oficina de Leitura" com a participação de professores e estagiários em Biblioteconomia. Fica aqui o convite aos interessados em conhecerem esse projeto e as atividades desenvolvidas com o objetivo de que juntos possamos avaliar a proposta.

Profª Vera S. Bemfica

FURG - CAIC



# AGORA

Mudar é possível  
e AR. HIRG.

## UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Onde que surgiam como instituições sociais mais elevadas do saber institucionalizado, muito tem acontecido às Universidades no seu desenvolvimento, modificando-as para melhor ou para pior. Algo porém nunca mudou: durante os séculos de sua existência, a Universidade vem sendo vista como lugar por excelência de qualificação intelectual e profissional dos cidadãos, bem como o lugar privilegiado de construção de novas reelaborações, especialmente através da pesquisa.

Ultrapassado, hoje, que as universidades brasileiras federais encontravam vivendo um dilema que se expressa na prática acadêmica daqueles que fazem das salas de aula da universidade o seu cotidiano. Mais de 50% de toda a produção, em pesquisa, nas universidades públicas, se realizam nas universidades estaduais paulistas. Isso nos mostra que a realidade das universidades públicas tem uma produção bastante baixa e, na maioria das vezes, perdidas no meio de interesses altamente individualizados, ou seja, as FES, que são resultado do esforço público, não têm objetivamente na sua prática, uma preocupação declarada em produzir um saber capaz de ser instrumentalizado, com certa rapidez, nas práticas tradicionais que dominam a vida cotidiana da brasileira. Conclua não se quer dizer que não existam no contexto universitário grupos de pesquisa que, isoladamente, produzem tecnologias e saberes voltados à realidade brasileira. Resulta-se, como exemplo, a Unioamp, que busca o reser de comunicações recentes soluções para construção de murais de baixa custo.

É claro que se entende a universidade como lugar, síntese do mundo. Lugar onde se introduzem pelo linguagem científica a experiência acumulada de várias gerações e em vários países. No entanto, esta mesma universidade precisa se materializar no contexto, no qual a universidade se encontra, ou seja, essa universidade precisa responder à particularidades, precisa responder a particularidade histórica, espacial e social, de onde emerge a própria instituição. É constituindo um eixo qualificado, para olhar à sua volta, buscando soluções que aliviem a "cansaço da existência humana" que a universidade se realiza enquanto encontro de mundos. Esse olhar para baixo e para o lado, observando que o que a cultura não surge espontaneamente, como resultado de vontades individuais, mas precisa ser, principalmente no caso brasileiro, resultado de um programa, de uma política que busca livrar esforços para o desenvolvimento de uma mentalidade de compromisso social, no interior das universidades brasileiras, já que a vida destas instituições para com o contribuinte é anônima. Setores como os de Educação, da produção de técnicas e tecnologias podem, sem sombra de dúvida, desenvolver um trabalho que busque capacitar e qualificar a sociedade. No caso da Educação, as Universidades poderiam desenvolver uma ação concreta na busca da qualidade do ensino público: municipal e estadual, cuja importância já se tornou banal, mas ações realmente eficazes que objetivem, através de avaliações pedagógicas, a exata eficácia destas ações. Sabido-se, hoje, que cursos fora do sala de aula, ministrados a técnicos das secretarias, representam morte certa a qualquer projeto bem intencionado. Não se diz com isto que, prepare um curso para ser ministrado por coordenadores e supervisores de uma Secretaria, para ser repassado aos professores e tempo perdido. Nesse campo, só uma capacitação continuada, realizada com senso crítico, pela Universidade, pode redundar em sucesso. O projeto Agora é, na prática, uma busca de Universidade de olhar para baixo e para o lado, construindo a universalidade, fundamental e necessária à sua existência, através de particularidade de um projeto educacional.

É claro que, para viabilizar um enfoque mais social nas práticas universitárias, se faz necessário pensar o papel que hoje exerce nestes centros de produção de saber, a burocracia, já que esta acaba criando necessidades que dizem respeito apenas a ela e não ao fim principal da universidade. As FES encontram-se, hoje, lidadas por ações burocráticas que, desviando a chave do café e conhecendo os caminhos do labirinto, privilegiam setores de pesquisa e ensino que vão ao encontro da remuneração de seu poder, fardado com que setores ditos "nomes rubros" da Universidade tenham condições de realizar trabalhos com objetivos aqui expressos.

Dorilda Grolli



MUDAR É POSSÍVEL

## Professor de séries iniciais - Formação e atuação

"Vive-se um caos na educação", essa é uma frase muito ouvida nos últimos tempos. Alunos indisciplinados, sem princípios morais, alunos que não sabem ler nem escrever, segundo os padrões da língua materna. "O problema está nas séries iniciais", esse é o argumento usado pela maioria dos educadores que não admitem que os educandos que ingressam nas séries posteriores sejam usuários apenas das suas variedades linguísticas, dos seus dialetos, estando muito longe da língua padrão.

Não temos a razão desses educadores, certamente mesmo os professores de séries iniciais são responsáveis pelo sucesso educacional. Mas de onde vêm esses professores? Não são dos cursos de Magistério ou Pedagogia, cursos de 2º e 3º graus ou de curso docente, na sua maioria, é formado por Especialistas, Mestrês ou Doutores? Por que tanta ineficiência?

Piccoli, Paulo Frolo, Emilia Ferreira, Construtivismo em voga e professores recém concursados chegando às escolas com a famosa "Crisis de Cálculos", o "Aluno das Datas Comemorativas" e o "Castor da Janelinha do Tempo", não desprezamos os recursos, mas a maneira de utilizá-los. Isso sem falar na alfabetização, sendo ela, sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, para esses professores é apenas um processo de transformação de formas em grafemas, e não poderia ser diferente quando descrevem o Psicólogo da Língua Escrita e Linguística onde esta é apenas uma disciplina do Curso de Letras.

Mas onde está o culpado, ou melhor, onde está a falha? Parece-me transparente que a deficiência está na formação dos professores de Curriculo por Atividades, pois enquanto a Universidade chega à escola pública (universitária), trocando experiências, e assim qualificando o ensino de Português, de Matemática, de Geografia... o professor das séries iniciais está lá, "pegando um pouquinho daqui, um pouquinho dali", pois na verdade, com a sua formação no Magistério ou Pedagogia, ele é professor de tudo e não professor de nada.

Trabalhando 20h, geralmente trabalha 40h para sobreviver, esse professor consegue gastar de 2 a 3 horas da noite para preparar a aula do dia seguinte. A leitura, o embasamento teórico, os cursos de aperfeiçoamento são fatores inexistentes na vida desse profissional. Esse é um quadro terrível para ser professor, segundo a visão dos responsáveis pela educação, uma pessoa abnegada, compreensiva e, principalmente, mulher, cuja remuneração pode ser considerada simbólica.

Mais do que qualquer outro professor, os alfabetizadores, e também os per alfabetizadores não só o professor do 1º série, pois o processo é contínuo, precisam de uma formação que solidifique o seu trabalho, tornem a aprendizagem e complexidade do mesmo. É preciso que os órgãos responsáveis pela educação comecem a investir na formação dos atuais e dos futuros professores, que a Universidade amplie a qualidade dos cursos da área educacional, oferecendo especializações em Alfabetização, Matemática, Geografia...

O Projeto Agora está investindo nesse professor, com regime de 40h, ele gasta 20h em sala de aula com os alunos e as outras 20h são gastas nos grupos de estudos, na troca de experiências, na preparação do profissional, que com 6 meses de trabalho já consegue perceber o seu crescimento. Conhecendo as teorias, participante de cursos e seminários, esse professor realiza, no dia-a-dia, a sua prática. E no contato direto com aluno/família que consegue perceber o crescimento afetivo e cognitivo do educando.

Hoje, os participantes do projeto vivem uma realidade e procuram qualificá-la a cada dia. Que o Agora não seja apenas um modole, mas a conscientização e a comprovação de que podemos inovar essa situação crítica em que se encontra o ensino de 1º grau.

Cidade Laria Castro de Lima  
Professora de 1º série - Projeto Agora

FUNDAÇÃO OEA